

## SIMULADO

### CONCURSO MARICÁ

### BANCA MARICÁ

**CONTEÚDO:** APROXIMAÇÕES ENTRE INFÂNCIA, LINGUAGEM E CULTURA. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E GÊNEROS DO DISCURSO.

**QUESTÃO 1. Ano:** 2018 **Banca:** [COSEAC](#) **Órgão:** [Prefeitura de Maricá - RJ](#) **Prova:** [COSEAC - 2018 - Prefeitura de Maricá - RJ - Docente I - Língua Portuguesa](#)

A Antropologia já demonstrou que não se pode considerar uma cultura superior ou inferior a outra: cada uma tem a sua integridade própria, o seu próprio sistema de valores e de costumes. Sob esse aspecto, o estudo das línguas de diferentes culturas deixa claro que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas, todas elas são:

Alternativas

- A. invariáveis, de acordo com a posição política e geográfica que ocupam.
- B. adequadas às necessidades e características da cultura a que servem.
- C. completas, resistentes e impermeáveis culturalmente.
- D. significações características de tensões políticas e sociais.
- E. manifestações limitadas à comunidade social a que servem.

**QUESTÃO 2. Ano:** 2018 **Banca:** [COSEAC](#) **Órgão:** [Prefeitura de Maricá - RJ](#) **Prova:** [COSEAC - 2018 - Prefeitura de Maricá - RJ - Docente I - Língua Portuguesa](#)  
[Texto associado](#)

Texto 1

O estudioso russo Mikhail Bakhtin afirma que não existe atividade mental sem expressão linguística e que devemos “*eliminar de saída o princípio de uma distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior*”. No meio escolar, é muito comum o aluno afirmar que sabe determinado assunto, mas que não sabe expressar, não sabe falar sobre ele.

Bakhtin, como precursor da linguística moderna, enfatiza o caráter social da linguagem e, conseqüentemente, o seu caráter dialógico: “*a palavra dirige-se a um interlocutor*”. E é a presença desse interlocutor que definirá o seu perfil, ou seja, em função do ouvinte, ela será mais formal ou mais coloquial, mais cuidada ou mais solta. A presença do interlocutor é também o **elemento desafiante**, que vai provocar o sujeito para que ele organize sua expressão verbal. Assim, Bakhtin conclui que “*não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação*”.

Diante de uma afirmação como essa, vemos o quanto é importante e mesmo determinante, no desenvolvimento da criança e do jovem, a interação professor/alunos e alunos/alunos no cotidiano escolar. E vemos o quanto é essencial que o professor estimule o exercício da verbalização entre eles, o quanto é necessário que eles aprendam a se colocar como ouvintes dos colegas e a disciplinar o acesso à fala, permitindo que todos tenham **o direito à sua própria palavra**. Essa é a condição mesma do desenvolvimento cognitivo de todos e condição para o desenvolvimento e o domínio da linguagem.

É ainda Bakhtin quem esclarece melhor, mostrando o quanto é importante o interlocutor em todo processo de enunciação: *“Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim, numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.”*

O papel representado pelo grupo social com que se convive e que nos serve de interlocutor é da maior importância, diante do que Bakhtin nos expõe. Penso que, para nós, professores que atuamos na escola pública brasileira, interagindo com crianças e jovens provenientes dos meios sociais dos mais desfavorecidos, atentar para essa questão da linguagem é um imperativo básico. Só assim, com um olhar munido de uma compreensão maior, podemos melhor cumprir a tarefa que o nosso tempo histórico nos coloca. A escola constitui, para muitas dessas crianças e jovens, um dos poucos, talvez o único interlocutor em condições de interagir com eles e contribuir para a evolução de sua linguagem. E é bom lembrar, mais uma vez: seu desenvolvimento cognitivo depende do desenvolvimento de sua linguagem. Gostaria de lembrar que, diante de um livro ou de um texto, no ato de leitura somos desafiados por este interlocutor que nos fala através da palavra impressa. Ao ler, nós organizamos um discurso interno ao sermos provocados pelo discurso lido, nos lembramos de leituras ou experiências anteriores, relacionamos com outros textos que tratam do mesmo assunto. Mesmo quando não comentamos o texto com alguém, mesmo quando não escrevemos uma crítica ou resenha sobre ele, nós temos uma participação ativa na interação com a linguagem e com o sentido do texto. Essa é também uma forma de diálogo, e das mais enriquecedoras. (MARIA, Luzia de. *Amor literário: dez instigantes roteiros para você viajar pela cultura letrada*. Rio: Ler & Cultivar editora, 2016, p. 250-1.)

Na passagem: “em função do ouvinte, ela será mais formal ou mais coloquial, mais cuidada ou mais solta” (§ 2), faz-se no texto alusão a:

Alternativas

- A. funções da linguagem.
- B. registros da língua padrão.
- C. variantes socioculturais da língua.
- D. variantes regionais da língua.
- E. atos de fala.

**QUESTÃO 3. Ano: 2016 Banca: COSEAC Órgão: Prefeitura de Niterói - RJ Prova: COSEAC - 2016 - Prefeitura de Niterói - RJ - Pedagogo**

O neuropsicólogo Alexander Luria, especializado em psicologia do desenvolvimento e colaborador de Vygotsky, chama a atenção para o papel de mediador da linguagem no processo de aprendizagem escolar. O autor lembra que uma das maiores fontes de equívocos dessa ordem é a diferença de sentido atribuída às palavras e aos conceitos por professores e alunos. E enfatiza a necessidade de se estabelecer uma estreita relação entre:

Alternativas

- A. a linguagem popular e a linguagem padrão.
- B. o ensino formal e o ensino informal.
- C. o saber que o aluno possui e o saber escolar.
- D. a atividade lúdica e a atividade convencional.
- E. o pensamento espontâneo e o pensamento induzido.

**QUESTÃO 4. Ano: 2018 Banca: COSEAC Órgão: Prefeitura de Maricá - RJ Provas: COSEAC - 2018 - Prefeitura de Maricá - RJ - Orientador Pedagógico**

Texto 1

**A MISSA DO COUPÉ**

Machado de Assis

"Na Igreja de São Domingos diz-se hoje uma missa por alma de João de Melo, falecido em Maricá."

Não se sabendo quem mandava dizer a missa, ninguém lá foi. A igreja escolhida deu ainda menos relevo ao ato; não era vistosa, nem buscada, mas velhota, sem galas nem gente, metida ao canto de um pequeno largo, adequada à missa recôndita e anônima.

As oito horas parou um coupé à porta; o lacaio desceu, abriu a portinhola, desbarretou-se e perfilou-se.

Saiu um senhor e deu a mão a uma senhora, a senhora saiu e tomou o braço ao senhor, atravessaram o pedacinho de largo e entraram na igreja. Na sacristia era tudo espanto. A alma que a tais sítios atraira um carro de luxo, cavalos de raça, e duas pessoas tão finas

não seria como as outras almas ali sufragadas. A missa foi ouvida sem pêsames nem lágrimas. Quando acabou, o senhor foi à sacristia dar as espórtulas. O sacristão, agasalhando na algibeira a nota de dez mil-réis que recebeu, achou que ela provava a

sublimidade do defunto; mas que defunto era esse? O mesmo pensaria a caixa das almas, se pensasse, quando a luva da senhora deixou cair dentro uma pratinha de cinco tostões. Já então havia na igreja meia dúzia de crianças maltrapilhas, e, fora, alguma gente às portas e no largo, esperando. O senhor, chegando à porta, relanceou os olhos, ainda que vagamente, e viu que era objeto de curiosidade. A senhora trazia os seus no chão. E os dois entraram no carro, com o mesmo gesto, o lacaio bateu a portinhola e partiram.

A gente local não falou de outra coisa naquele e nos dias seguintes. Sacristão e vizinhos relembavam o coupé, com orgulho. Era a missa do coupé. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita, ao domingo, missas de tamancos. Tudo voltou ao costume, mas a missa do coupé viveu na memória por muitos meses. Afinal não se falou mais nela; esqueceu como um baile.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 10.

Glossário:  
Coupé (ou cupé) – Carruagem ou carro de duas portas.  
Desbarretar – Retirar o barrete ou o chapéu.  
Espórtula – Esmola.

“Coupé”, “dez mil-réis”, “cinco tostões”, “lacaio” constituem um léxico que comprova a variação linguística entre:

Alternativas

- A. regiões.
- B. gerações.
- C. níveis sociais.
- D. fala e escrita.
- E. situações de fala.

**QUESTÃO 5. Ano:** 2019 **Banca:** [COSEAC](#) **Órgão:** [Prefeitura de Maricá - RJ](#) **Prova:** [COSEAC - 2019 - Prefeitura de Maricá - RJ - Guarda Municipal](#)  
[Texto associado](#)

Para responder às questões 05 e 06, leia o fragmento abaixo:

“Alta e com postura retilínea, Elza é uma figura imponente. Diz que nunca foi conhecida por ser ‘meiguinha’ – ‘muito pelo contrário, não passo a mão na cabeça, sou meio bruta, tropeços nos ambientes’.

Essa postura, ressalta, não tem a ver com uma maneira de marcar território em uma instituição historicamente masculina. ‘Não preciso cuspir no chão para mostrar que sou mais capaz que um homem’”. (linhas 14-23)

Expressões como “não passo a mão na cabeça” e “marcar território” são marcas de

Alternativas

- A. formalidade.
- B. coloquialismo.
- C. regionalismo.
- D. jargão profissional.
- E. licença poética.

MAIS APROVAÇÃO



**QUESTÃO 6. Ano: 2019 Banca: COSEAC Órgão: UFF Provas: COSEAC - 2019 - UFF - Assistente em Administração**

**TEXTO 1**

**APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA**

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.

Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

— Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

— Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Aprenda a chamar a polícia.

Disponível em:

<https://portuguesemdestaque.blogspot.com/p/cronicas.html>.

Acesso em jan. 2019.

No Texto 1, percebe-se o uso de uma linguagem mais informal, próxima da língua falada e de acordo com a situação de comunicação retratada. Analise as quatro assertivas a seguir sobre o uso da variante linguística utilizada no texto em análise.

I Em “Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas (...)” (linhas 1-2), a imprecisão referente à data é própria da linguagem informal.

II Em “Perguntaram-me se o ladrão estava armado (...)” (linha 13), a ênclise é própria da modalidade oral informal.

III Em “O tiro fez um estrago danado no cara!” (linha 24), “danado” é uma gíria muito comum e, nesse contexto, significa “enorme”.

IV Em “(...) e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo” (linhas 27-29), há uma problema de concordância, recorrente na variante informal da língua portuguesa.

É verdadeiro o que está contido somente em

Alternativas

- A. I e III.
- B. II e III.
- C. II e IV.
- D. III.
- E. IV.

**QUESTÃO 7. Ano: 2018 Banca: [COSEAC](#) Órgão: [Prefeitura de Maricá - RJ](#) Prova: [COSEAC - 2018 - Prefeitura de Maricá - RJ - Docente I - Língua Portuguesa](#)**

“A linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura e o principal instrumento para a sua transmissão.” (Magda Soares)

Sabe-se que, de uma maneira geral, a linguagem utilizada por crianças e jovens das camadas populares se diferencia da linguagem socialmente prestigiada. Durante muito tempo acreditou-se na existência de um ‘déficit linguístico’, que explicaria o fracasso escolar desses alunos. Os estudos da Sociolinguística constituem o principal fundamento da contestação da deficiência cultural e linguística, ao afirmar que as linguagens são:

Alternativas

- A. mais ou menos sofisticadas, de acordo com o falante.
- B. comuns a todos os usuários da Língua Portuguesa.
- C. diferentes, mas não inferiores ou deficientes.
- D. similares e igualmente valorizadas socialmente.
- E. imperfeitas e incompletas nas classes populares.

**QUESTÃO 8. Ano: 2023 Banca: [COSEAC](#) Órgão: [UFF](#) Prova: [COSEAC - 2023 - UFF - Sociólogo](#)**

Lélia Gonzales afirmava que no Brasil não falamos português, mas “pretuguês”, que seria a língua portuguesa, dos colonizadores, transformada por expressões e adaptações que marcariam a cultura brasileira. Considerar tais expressões e adaptações como erros gramaticais seria, nos termos da autora, uma das formas pelas quais o mito da democracia racial no país procura

Alternativas

- A. reforçar a importância de utilizar os códigos adequados na comunicação escrita.
- B. demonstrar que o Brasil foi construído pela colaboração entre as diferentes raças.
- C. separar o que seria autêntico da cultura brasileira do que seria estrangeirismo.
- D. apagar a influência dos africanos escravizados na formação cultural brasileira.
- E. manter os falantes de outras línguas excluídos da nacionalidade brasileira.

MAIS APROVAÇÃO